

dade em ruínas, mandando-se, para tanto, instaurar todos os pleitos de revindicação, que sejam rigorosamente necessarios para esse fim, ou propôr superiormente a conveniencia de expropriações a fazer, e outrosim fiscalizar a conservação dos monumentos que forem classificados como nacionaes, ou dignos de perdurar como testemunhos de historia, ficando, quanto ao serviço de escavações e classificações de monumentos, como corpo consultivo a Commissão de Archeologia da India Portuguesa, criada pela portaria provincial n.º 133 de 25 de maio de 1903;

Sendo indispensavel fazer-se um estudo sobre a historia da cidade de Goa, e seus habitantes, e, como parte importante d'esse ensaio, o estudo de todas as industrias artisticas ou de luxo das populações de Goa, tanto sob o ponto de vista da historia da arte indiana e suas influencias estrangeiras, e da educação esthetica do povo, pela exposição methodica no Museu Real de S. Caetano de todos os especimes representativos de uma corrente tradicional ou merecedores de fixação ou adaptação, como sob o ponto de vista economico de um commercio de exportação e concorrência, devendo como consequencia d'este trabalho e como elemento primeiro de inquerito para um estudo de reorganização do ensino industrial, recolher-se de todos os edificios do Estado, ou mesmo adquirirem-se dos particulares os exemplares dignos de entrar numa exposição de arte decorativa ou industrial:

Hei por conveniente, attendendo ás circunstancias que concorrem no bacharel Alberto Osorio de Castro, Procurador da Coroa e Fazenda e Vogal da Commissão de Archeologia, incumbi-lo de todos os serviços e estudos acima designados, do que apresentará periodicamente relatorios que oficialmente serão publicados».

(*O Herald*, de Nova Goa, de 6 de fevereiro de 1906).

Ara celtiberica da epoca romana

(Um novo «Genio»)

I

Nas sciencias historicas, evocar do passado um facto desconhecido constitue, como verdadeira criação que é, uma das mais appetecidas colheitas para quem lavra nesta penosa messe da antiguidade, e redundando num dos melhores gozos intellectuaes para quem vive na pesquisa do homem que passou.

O caso que enseja esta consideração é o descobrimento de umâ ara de granito, votada a uma divindade tutelar inedita do olympto iberico-romano¹.

Um dedicado amigo meu² escrevia-me num dos primeiros meses de 1905 que, haveria tres annos, ao fazerem-se obras no altar-mór da igreja parochial de Estorãos, a um palmo do pavimento, e nas substrucções do mesmo altar, apparecera uma pedra escrita que, depois de transferida para o adro, servia de «pé» a uma mesa de pedra.

A freguesia de Estorãos (de «Asturianos», *Arch. Port.*, IV, 149) fica a duas leguas de Ponte de Lima, pela estrada de Vianna, nas raizes orientaes da serra de Arga. O Lima, quieto e manso, passa ahi, ao longo de grandes e fecundas varzeas que devem ter sido irresistivel prisão das migrações, ao surgirem na crista das asperas serras, que guiam ao mar o *flumen oblivionis* de L. Floro. Estorãos quasi margina a via militar no troço de Braga a Tuy; miliarios com a numeração XVIII e XXI mp. conservam-se ainda naquelles logares («Milliarios», por M. Capella, p. 54). O Museu Ethnologico possui um, dividido ao alto em dois, com a numeração de XXI mp.; o qual veio da Correlhã, freguesia fronteira de Estorãos, na margem esquerda do Lima³.

Colheu-se agora ahi, em plena era lusitano-romana, um estadio de uma civilização pre-romana; ámanhã hão de encontrar-se os das civilizações que ainda precederam aquella. Assim se avança no presente, reuando cada vez mais no passado.

A ara de Estorãos está hoje no Museu Ethnologico Português; é uma das suas mais bellas acquisições, avultada no tamanho e na valia. Por solicitação do Rev.^{do} P.^e Cunha Brito, conseguiu-se que o Rev.^{do} Parocho da freguesia, abbade José Fiuza da Rocha, resolvesse prontamente a sua cedencia ao Museu, ficando na igreja uma copia de gesso,



Ara celtiberica
da epoca romana

¹ Em 16 de novembro de 1906 era publicada na *Palavra*, do Porto, uma leitura feita sobre o calco de gesso, que ficou em Estorãos, na igreja, por memoria da remessa da ara para o Museu Ethnologico. Essa leitura porém differe um pouco da minha, que é feita directamente sobre a pedra.

² P.^e Manoel J. da Cunha Brito, então professor no lyceu de Ponte de Lima. Não pouco lhe deve a archeologia do Alto-Minho.

³ Mercê da interferencia d'este mesmo meu amigo.

da inscripção. Honrosissimo procedimento, que deu causa a que se não extraviasse um monumento do mais alto valor archeologico.

O cippo é o maior que possui o referido Museu. A altura total é de 1^m,07, e a largura a meio do corpo, é de 0^m,44. A epigraphie occupa um campo de 0^m,62 × 0^m,44 e os caracteres tem de alto a média de 0^m,065. As molduras, espessas, estão por assim dizer esboçadas, e a base, muito volumosa, grosseiramente desbastada, afigura-se ter tido o destino primitivo de ficar enterrada no solo, collocado o monumento no lugar proprio. Na face superior da ara ha uma cavidade, que mede nos lados 0^m,10 e de fundo 0^m,06. Creio não ser *foculus*, mas encaixe adequado a segurar a base de qualquer remate que o cippo supportasse: uma estatua ou busto do Genio. Ha no Museu Ethnologico mais exemplos d'este facto. Nas faces lateraes da ara não ha nenhum simbolo ou emblema.

A leitura do texto faz-se sem difficuldades, mas as letras são um pouco toscas e desiguaes. As palavras tem pontuação.

Lê-se:

1 C AA L A · A R
 QVI · F · TAL
 A B R I G E N
 SIS · GENIO · T
 5 I X V R A C E A I
 C O V · S · L · M

Isto corresponde aos seguintes dizeres: *Camala Arqui filia Talabrigensis Genio Tiauranceaico* (ou *Tiaurauceaico*) *votum solvit libens merito*.

Traduzindo: *Camala Talabrigense, filha de Arquio, cumpre de boa mente um voto ao Genio Tiauranceaico* (ou *Tiaurauceaico*).

É uma lapide dedicatoria ou votiva a uma divindade ignota, o Genio Tiauranceaico.

A analyse propriamente epigraphica d'este titulo tem secundaria importancia deante dos inesperados elementos de estudo que nesta curta formula se encontram. Pelo menos assim me pareceu.

Na 1.^a linha ha 3 letras conjuntas: AMA de *Camala*. Era, por assim dizer, uma fórma estereotypada nesta palavra; tão commum é o seu emprego.

Na 5.^a linha o abridor gravou um X. Esta feição de A encontra-se em algumas epigraphes do *Corpus* de character mais rude e attribuidas, as que o podem ser, ao sec. II ou III. Mas não se póde localizar

em nenhuma região especial da Hispania (Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5148, 5431, 6163, 6191 e indices).

Na mesma linha apparecem duas outras letras conjuntas, e essas são discutiveis. Serão AV ou AN? Precisamente são parte da palavra mais interessante da epigraphie.

Querendo ser rigoroso com a paleographia do monumento, a fórma d'este digamma corresponde a AN e não a AV; é ler a p. LXVIII dos *Exempla Script. epigraph.*, de Hübner.

Na 4.^a linha ha um N, que se póde considerar importante elemento para a capitulação chronologica da ara. Diz Hübner (*ob. cit.*, p. LXIII) que esta fórma do N é característica do fim do sec. III ou IV (Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 512); e nos epitafios christãos do sec. VI vemo-la muito empregada (*Inscr. Hisp. Christ.*, Hübner; passim).

Segue-se, pois, que é um sinal de epoca de decadencia e transformação epigraphica, e que, por isso e pelo facto de ser a letra de emprego mais tardo na presente inscripção, é ella que serve especialmente para datar a ara de Estorãos do sec. III ou IV, o que ainda assim a agrupa na serie menos numerosa da epigraphia lusitano-romana (*Exempla Script. epigraph.*, p. 269).

II

A quem tiver noticia das circumstancias do apparecimento d'esta e de outras aras votivas da epoca lusitano-romana, uma reflexão logo acode ao perpassá-las: é a persistencia dos achados d'esta natureza em templos christãos. Esta ara de Estorãos procede das substrucções de um altar, o altar-mór da igreja parochial.

A lapide votiva de Villa-Mou, ha pouco estudada, provém dos escombros de uma igreja parochial. O cippo de Santa Vaia, relatado nas *Religiões da Lusitania*, II, appareceu nas paredes de uma capella castreja, por sinal com o titulo de S. Cipriano¹.

Em S. Miguel da Mota (Terena), o exemplo é estrondoso; as pedras votivas a Endovellico appareceram lá nas mesmas condições em grande copia, como se póde ver na obra citada, p. 111.

Neste mesmo livro referem-se varias outras inscripções consagradas a divindades indigenas, cujos monumentos foram exautorados e derribados nas fundações dos novos templos de um Deus unico, como vencidas que eram e proseritas. Parece-me presumivel existir sobre

¹ Esta informação estava inedita, mas asseguro a sua autenticidade por a ter recebido sem intermediarios.

estes factos, repetidos e generalizados, uma intenção constante. Os logares do culto antigo conservaram-se; os *fana* tiveram de ser arrasados, e por sobre os seus destroços e á custa dos seus mais privilegiados materiaes, emergiu a igreja christã, deante da qual se viram desfilar os mesmos romeiros e as mesmas romagens, inalteravelmente eivadas do antigo sentimento pagão, da antiga concepção naturalistica, e da tradição ethnographica¹.

São muitas vezes referidos os canones da Igreja na luta contra o aspecto persistente e contumaz da religião popular, que ainda hoje conserva inconscientemente muito do seu ritual ethnographico². O phenomeno geral, pois, é já do dominio dos publicistas (cfr. v. g. *Revista de Guimarães*, I, 167); este aspecto especial que tenho desenvolvido é que me parece não ter ainda vindo a terreiro.

Complementarmente, emquanto não são raras nestas condições as lápides votivas, as funerarias faltam por completo.

O seu diverso character, a sua innocuidade religiosa não as faziam aproveitaveis para a affirmação de um triumpho, e talvez fossem consideradas impuras para material constructivo de uma igreja christã.

Respondem a estas reflexões nas *Religiões da Lusitania*, vol. II, as lápides dos Lares Cusicelenses (p. 181), dos Erredicos (p. 183), dos Cerenaeos (p. 183), do Tutela Viriense (p. 197), das deusas Cabar... (p. 317), do deus Turiaco (p. 324) e do Durberico (p. 329).

Mas são exemplos mais frisantes aquellas outras aras a que primeiro me refiro.

III

Esta ara, como aliás todos os monumentos d'esta especie, tem uma parte ethnologica e uma parte hagiographica; como quem dissesse: uma parte humana e uma parte divina. Primeiro a pessoa dedicante, depois o deus aclamado.

¹ São muito curiosos, pelo seu sabor tradicional, os factos narrados em uma monographia do Sr. Fed. Mancineira y Pardo sobre *El Santuario de S. Andrés do Teixido* (1907).

² Para exemplificar referirei apenas o que se faz com aquelle S. Cipriano de que falo no texto. Quando o povo de Santa Vaia de Rio de Múinhos (Valdevez) sente a sede de agua dos seus campos, a imagem do Santo é levada a uma fonte do castro e ahí mergulhada. Quando é o sol que é reclamado: ao mesmo logar vae o Santo em procissão, e d'esta vez affrontam-lhe o astro escondido. Ai do clerigo que não cumpre elle proprio, com vestes rituaes, esta liturgia, toda pagã!

No logar de Tibo, freguesia da Gavieira (mesmo concelho), quando alguém morre, mettem-lhe numa algibeira da mortalha um bocado de broa «para a viagem».

Quantos áquella:

a) Temos a ethnicidade e a diffusão geographica. *Camala* era de um sangue muito abundante na Callaecia em particular (Citania, Viseu, Braga . . .). A lapidaria lusitano-romana frequentemente o declinou. Escusado é comprová-lo.

Camala é em Holder (*Alt-Celt. Sprachschatz*) o feminino do nome celtico *Camalo-s*¹.

b) Vamos a *Arquius*. Pertence ao espolio celtico, na opinião de Holder.

Este nome vê-se na legenda da celebre pátera de Alvarelhos, em que, segundo a interpretação de Hübner e Mommsen, se deve ler *S(ectus) Arqui(us)*, nome do dedicante. Diz o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos que *Arqui(o)* podia naquella legenda ser um nome de divindade por estar depois de um hypothetico *S(acrum)*, mas que por outro lado *Arqui(us)* tambem occorre varias vezes como cognome. Na ara de Estorãos, *Arquius* é mais uma vez nome pessoal.

Temos pois, em região de Grovios, nova lapide com onomastico pessoal de tronco celtico; uma observação porém devo fazer: é que não eram oriundos d'essa região os dedicantes nella residentes, senão da Lusitania.

Nos *Monum. Ling. Ibericae* encontraremos *Arquius* no indice dos nomes ibericos da Hespanha (p. 255), e ao mesmo tempo Hübner (p. CXXIV) o inclue em o numero dos que se transformaram por influencia das terminações latinas; de *Arquio* procede *Arquius*, visto que o suffixo *-ius* é romano.

c) De *Talabriga*, se dizia a dedicante de Estorãos. No *Itinerario* de Antonino ha menção de um *oppidum* assim denominado. Quem lhe chama *oppidum* é Plinio, texto mais antigo que o *Itinerario* (*Nat. Hist.*, IV, xxxv). Tambem chama *oppidum* a Conimbriga e bem sabemos a que condições estrategicas correspondem as ruinas de Condeixa-a-Velha e de todos os outros *oppida*.

Alem d'isto, o elemento *br̄ga* é considerado celtico e significa: «latura, castello» (*Alt-Celt. Sprachschatz*, A. Holder, s. v. *br̄gā*). Isto

¹ Hübner, cuja obra *Monumenta Linguae Ibericae* é anterior a Holder, duvida da celticidade d'este nome. Veja-se *ob. cit.*, pp. cxx, cxxiii e 257. Na *Revue Celtique*, xxxiii, no artigo «Les celtes de la Lusitanie portugaise» do Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, p. 78, lê-se: *Camalus = Cam-al-us*, où entre le suffixe *-al-* (*Zeuss, Gram. Celt.*, p. 776) et l'élément *cam-*, qui est en rapport avec l'irlandais *camb, cumachta* «potestas». O celtismo d'esta palavra está hoje autenticado na ara de Bandoga, onde um *Celtius* era filho de *Camalus* (*Relig. da Lusit.*, II, p. 317).

demonstra que Talabriga deverá ser povoação de origem preromana e situada numa eminencia, acaso provida de cintura de muralhas ou equivalente sistema de defesa. A *Talabriga* do *Itinerario*, na via romana Lisboa-Braga, não está ainda identificada. Suppôs-se que seria Aveiro ou junto d'esta cidade. O que porém acabo de dizer é sufficiente, creio eu, para enfraquecer esta opinião; as ruínas de *Talabriga* não terão de encontrar-se em terrenos planos e sem cabeços apropriados, como são as cercanias de Aveiro.

É plausível acreditar que a patria do dedicante da ara de Estorãos seja a *Talabriga* do *Itinerario*, como a mais proxima e conhecida do logar habitado por Camala.

Aminium está hoje provado, por uma inscripção romana, ser a actual Coimbra (A. Filipe Simões, *ob. cit.*, pp. 24 sqq., e Borges de Figueiredo, «Oppida Restituta» in *Bol. da Soc. de Geographia*, n.º 2, 1884 e *Rev. Arch. e Hist.*, II, 66 e *Inscr. Hisp. Lat.*, suppl. n.º 5239).

Talabriga distanciava-se 18 milhas para o sul aproximadamente de *Langobriga* (*sic* no *Itinerario*) e 31, na mesma orientação, de *Calem*, que corresponde a uma cidade marginal do Douro, perto da foz d'este (*Religiões da Lusitania*, II, 29, n. 7).

Langobriga seria, no pensar do Sr. Dr. Leite de Vasconcellos (*Relig. da Lusit.*, II, 34), a povoação de *Longroiva*, entre Marialva e Freixo de Numão, no concelho de Meda. *Langobriga*, computada a milha romana em 1:481 metros¹, dista 26:658 m. de *Talabriga* e 19:253 m. de *Calem*. A situação d'aquella *Longroiva* não corresponde á distancia marcada no *Itinerario* com respeito a Gaia; em linha recta, seriam 169 kilometros para leste. Havia pois mais que uma *Langobriga*, reconhecendo-se que aquelle vocabulo deve ser etymo de *Longroiva*.

Só de *Aminium* e de *Calem* do *Itinerario*, por serem pontos incontra-versos, principalmente o primeiro, é que podemos partir para verificar a situação de *Talabriga*. E á identificação d'esta cidade com Aveiro ou arredores obstem, alem do que já expus, as medições do *Itinerario* e outros considerandos, que mais categoricamente desenvolvo em especial artigo, que fica no prelo.

Depois de registada a conclusão a que chego, embora conclusão de gabinete, restará pesquisar *in loco* as ruínas ou os vestigios que possam confirmar ou enjeitar o alvitre apresentado. Ora segundo as medições do *Itinerario*, que, nesta parte, concordam com a realidade, como de-

¹ Veja-se *Dict. des antiq. grecq. et rom.*, por Saglio & Daremberg, s. v. *Miliarium*. A milha exacta era 1481,50 metros.

monstrarei, *Talabriga* distava 59^{km},240 ou XL mpm. de Emino, para norte; este afastamento não se concilia com o de Aveiro, mas obriga a collocar o velho oppido ao norte de Vouga e não muito longe de Albergaria-a-Velha.

Plinio (*Nat. Hist.*, IV, xxxv) dá-nos *Talabriga* como cidade dos *Turduli veteres*, situada entre o Tejo e o Douro, na região do Vouga e do Mondego. Alem d'este escritor antigo, tambem Ptolemeu e Appiano referem *Talabriga*. Aquelle inclue-a na lista das cidades dos lusitanos (*Cl. Ptolemaei Geographia*, ed. de Car. Müller, I, 137). Este narra um episodio da campanha de Decimo J. Bruto passado com esta cidade, uma das menos resignadas, a principio, ao dominio romano (*Appiani Alex. Rom. Hist. q. s.* Didot, 1840).

Parece que na Hispania não era uma só a povoação com este nome, o que aliás succedia, como acabo de mostrar, com *Langobriga* e, alem d'estes, com outros nomes. Hübner chega a dizer que, talvez em nenhuma outra região como na peninsula iberica, se encontrem repetidos tres e quatro vezes os mesmos nomes de rios, montes, povos e oppidos (*Mon. Ling. Iber.*, p. 10)¹. Ainda succede o mesmo.

IV

d) GENIO TIAVRA/CEAICO.

É esta a parte mais interessante da presente ara da Gallaecia e o extravagante appellido um dos motivos do titulo com que individuei este escrito. Estamos em dominios do idioma *iberico* pela divindade proclamada; como nos achavamos entre *celticos* pela prosapia dos dedicantes e porventura pelo seu habitaculo.

Devemos recordar, o leitor e eu, que este monumento é do final do seculo III ou IV, epoca em que a romanização da Hispania era completa. Comtudo ainda os descendentes da raça celtica não tinham esquecido os seus patronimicos, nem a hagiographia nacional tinha sido completamente transformada ou suplantada pela mythologia romana.

¹ Esta repetição do onomastico local póde explicar-se, ou porque alguns nomes tenham sido outr'ora appellativos, ou porque as migrações os tenham transportado de uns a outros logares; em todo o caso indicam que a mesma lingua estava espalhada por largo espaço. Quanto a *Talabriga*, já referi que o segundo elemento é celtico; o primeiro não o é. Entre as trinta palavras que trazem o componente *briga*, só tres, na opinião de Glück, é que parecem ter tambem a raiz celtica, e são — Nemetobriga, Nertobriga, Segobriga. As outras raizes são mais semelhantes ás ibericas (*Mon. Ling. Iber.*, p. xcvi). Sendo assim a duplicação das *Talabrigas*, devia dar-se depois de assim constituida a palavra debaixo da influencia da civilização celtica, e portanto tambem na área respectiva.

Um *genius* naturalizava-se cá e tomava nome de origem autenticamente iberica: *Tiauranceaicus* (ou *Tiaurauceaicus*).

Sem ter a pretensão de profundar o assunto, vou em todo o caso, com mão prudente, encadear certo numero de considerações tendentes a pesquisar a procedencia d'aquella invocação.

Em primeiro logar, ninguem duvidará de que *Genio Tiauranceaico* está em dativo, sendo o primeiro termo do grupo um substantivo latino em concordancia com o segundo, que é fórma adjectival terminada pelo suffixo *-aico*, cujo nominativo latino seria *-aicus*.

Tiauranceaico (ou *Tiaurauceaico*) é uma palavra genuinamente iberica. O thema está por assim dizer autenticado por uma das mysteriosas lapides ibericas ou turdetanicas. Não póde ter melhor abonação. Os romanos interpretaram a seu modo, talvez até para os tornar mais accessiveis á loquela do Lacio (*Mon. Ling. Iber.*, p. LXXXIX), os nomes ibericos (*ignobiles et barbarae appellationis populus*, no dizer de Plinio)¹; este phenomeno reconhece-se nas moedas e nas inscrições em latim (*Mon. Ling. Iber.*, CXXI, CXXXVIII). Ahi pois não os vemos puros; o que representa a genuina lingua iberica são as epigraphes escritas em caracteres proprios (*Ibid.*, CXX e CXXXIX). Podemos não comprehender a lingua que representam, mas é esse o unico enigma que espera o seu Edipo; ao resto, a separação das palavras já é algumas vezes possivel. Por isso apparecer interpretada, pela vez primeira, numa inscrição latina, uma palavra de que se encontra por assim dizer o correspondente, o original traçado com caracteres ibericos, parece-me factó digno de nota, e até mais importante do que se o termo fosse apenas um inedito latino-iberico.

A primeira parte da palavra iberica em estudo é precisamente a mesma que Hübner interpretou e insulou na lapide LXIV dos seus *Monumenta*, procedente de Ourique:

[[...o] k q r i | a r a i h t h
 | A 9 A 7 H B
 (Estorãos)... ARVAI T



O thema pois d'esta palavra vem confirmar e consagrar a leitura feita por aquelle grande epigraphista e ratificar a correcção que elle

¹ A interpretação ou adaptação romana póde, neste caso, visto como a dedicante era de estirpe celtica, ter sido ainda precedida de uma adaptação phonetica celtica, pelo que pensa Hübner, *ob. cit.*, pp. CXX e CXXI. Todavia, através da possibilidade d'estas transformações, o radical surge intacto, como se póde ver.

entendeu que devia fazer na folha ou copia de Cenaculo; pela qual é conhecida a inscripção de Ourique. Esta circumstancia dá ao monumento gallico peculiar valor.

Mas não é só isto.

Na inscripção LXV dos mesmos *Monumenta*, Hübner leu (ponho agora em escrita para a direita):

th [h i] r a | [s] e a s a [h] k p ĩ || etc.

Θ Η Υ Ϟ Α

T I A V R A N C E A



Aqui temos a mais do que no precedente titulo, e em mais completa correspondencia ou equivalencia com a palavra de Estorãos, duas ou tres letras, pois que esta se continua com tiaurancea (ou tiaurancea), embora lhe falte o digamma *au* do radical; o que póde ser incidente de antiga interpretação. Esta differença não impedirá ninguém de ver numa e noutra palavra a mesma raiz¹.

Cotejemos ainda o titulo LXI de *Alcalá del Río* (margens do Guadalquivir). Hübner leu nesta inscripção:

th i r a e a c a

Na epigraphe que primeiro adduzi, viu-se que o 1.º *a* de *thiara* correspondia a *au* na leitura de Estorãos; e agora póde tambem notar-se que ao 2.º *a* de *thiareaca* talvez corresponda um *au* na mesma lapide, se se dever interpretar o *A* por AV e não por AN, como aliás presumi. Este relacionamento dependeria em todo o caso do valor phonico do *c* (...*ceai*...) de Estorãos, correspondente ao *s* hypothetico da epigraphe LXV de Hübner (...*a[s]ea*...) e ao *c* da epigraphe n.º LXI em ...*aca*².

Estas duvidas porém não invalidam a identidade do thema do nome da divindade agora estudada e da palavra das lapides referidas.

¹ Hübner fez uma separação de palavra antes do [s]. Apesar d'isto, competia-me notar a correspondencia ou sobreposição de elementos até onde era possível.

² Na epigraphe bilingue dos *Mon. Ling. Iber.*, n.º XLV (Cfr. *Corp. Inscr. Lat.* II, 3294) ha um nome iberico escrito em latim: CASTLOSAIC(*om*) (ou *us*?) que parece corresponder a *Castulonensis*. Em *Tiauranceaico* o suffixo é o mesmo, e o *ce* parece corresponder ao *s* da inscripção bilingue. Haverá identica correspondencia nas epigraphes LXV e LXI a que me refiro no texto? Poder-se-ha perguntar se os romanos interpretaram sempre com o mesmo sinal cada som da linguagem indigena ...

Consequimos assim chegar a este quadro:

Ara latina de Estorãos	}	TIAVRANC...
Lapides ibéricas de Ourique		{ TH I A R A (<i>Mon. Ling. Iber.</i> , LXIV).
Lapide alcalense	{	TH [HI] R A (<i>Idem</i> , LXV).
		THIRAEAC... (<i>Idem</i> , LXI).

Em Hübner estas interpretações trazem indicação dubitativa; uma primeira illação da epigraphie de Estorãos é tornar certo o que para aquelle seguro espirito ainda era incerto (*Mon. Ling. Iber.*, Indice I, p. 219); o thema apparece-nos escrito e trasladado pelos caracteres romanos contemporaneos em coincidencia suggestiva com a interpretação moderna dos sinaes ibericos.

No estudo dos elementos que compõem as palavras que nos restam do idioma escrito nas lapides ibericas, Hübner ministra-nos alguns argumentos que nos interessam. Assim o digamma *ea* (-ia) deve considerar-se caracteristicamente ibérico, e o exemplo é precisamente *Tear* (*Tiar*), nome de povo ou logar (*Mon. Ling. Iber.*, proleg. § 38, p. CVI).

O ditongo *au* (*Tiaura*..) é frequente nas fórmãs antigas, como em *Itaraugatae*, *Bauda*, etc. Os exemplos de Hübner são todos da Gallecia, onde tambem estamos (*Ibid.*, p. CV, CXI e CXXVI). De Holder colhe-se a mesma indicação.

Em ibérico, o *a* póde juntar-se a *u* para ditongo, como vimos (e ainda mais a p. LXIII), mas tambem póde o mesmo ditongo vir antes de *r* para formar *aur*, o que encontramos na nossa ara em *Tiaur*.. (*Ibid.*, p. LXV). Não só esta raiz é um nome geographico¹, mas para Hübner as tres palavras das lapides ibericas que acima recordei, palavras terminadas em *a*, correspondem a nomes de oppidos (*Mon. Ling. Iber.*, p. CXXXIX), como identicos vocabulos inscritos nas moedas (*Ibid.*, p. CXXIV). Aqui temos pois um caso de toponimia ibérica, no oeste da peninsula.

¹ Holder, s. v. *Tiar*, *Tear*, reporta-se a Hübner, que cita Plinio, *Nat. Hist.*, II, 23 (*Teari qui Julienses*) no Convent. Tarrac. Alem de Plinio, Ptolemeu, II, 6, 63. Consultando a edição de C. Müller (*Cl. Ptolemaei Geographia*, I, p. 187), encontra-se entre os *oppida mediterranea* dos Ilercavones: *Tiariulia*. E, em uma nota, refere o editor o que traz Plinio e acrescenta que ha outro *Tiar* entre Ilici e Carthagem, hoje no castello de Tiar, campo de Salinas, junto a San Gines. Este é pois do Convent. Carthagin.

Holder, s. v. *Thiar*, diz que é nome de logar, na Hespanha (Orihuela).

O *Dicc. Encicl. hesp. amer.* regista *Thiar* e *Thiar Julia* ou *Thiarulia* (τῆρα Ἰουλίαι de Ptolemeu); mas na Argelia ha tambem uma *Tiaret*, em Oran, onde restam ruinas romanas.

D'esta fórma podemos desde já concluir que a expressão adjectival *Tiauranceaico* (ou *Tiaurauceaico*) em concordancia com *Genio* se reporta ao nome de um oppido do qual se invocava o Genio protector, como na epigrapha do *Corpus*, II, 3294 (Cfr. *Mon. Ling. Iber.*, XLV), o termo *Castlosai-c* (om ou -us) é um adjectivo concordante com *Diphilus*, indicativo da sua patria.

Mais difficuloso é certamente o exame dos elementos consecutivos ao radical e intermedios da palavra de origem iberica, que estou apreciando nas considerações já expostas.

O terreno nesta parte sinto-o menos chão, e demandaria estudos mais especiaes de glottologia antiga. Direi em todo o caso o que pode ter confronto com Hübner.

Na epigrapha de Estorãos pareceu-me mais harmonico com a paleografia latina desfazer o *N* em AN do que em AV, lendo assim *Tiauranceaico* e não *Tiaurauceaico*. Creio que pelos exemplos Huberianos, se a alguma copulação se póde dar preferencia, será á de *au*, como já vimos. *Nc* vem porém exemplificada na p. LXX e *uc* veja-se a p. LXV.

Confesso-me porém mal documentado nesta parte do vocabulo de que me occupo e por isso passarei ao suffixo *-aico*.

Diz o sabio epigraphista allemão que, entre os testemunhos do idioma iberico, avultam com especial importancia os oitenta nomes de deuses e deusas, com as suas denominações tiradas das dos logares ou iguaes a estas (*Mon. Ling. Iber.*, 339, p. CVIII e Indice, III, I, a). Na nomenclatura d'este olympo refere-se Hübner, entre outros, aos nomes que terminam em *aicus*, etc., e que abundam nas regiões setentrionaes da Callecia e Asturias, onde existem muitas memorias da antiga religião e «aediculas sanctorum ex fanis paganorum ortas» (*Ibid.*, p. CX).

O rigor do paralelo ninguem m'o contestará. Não só o suffixo *-aicus* (*Tiauranceaicus*) no nome da divindade, como a natureza e origem d'esta (nome de logar), como a proveniencia da ara (templo christão successor de um *fanum* pagão) tudo concorre para o bom cabimento da minha citação.

Diz o Sr. Adolfo Coelho (*Revista de Guimarães*, III, 169) que este suffixo é ao mesmo tempo dos mais frequentes e dos mais caracteristicos do antigo onomastico peninsular, sendo a Callecia que offerece o maior numero de nomes em *-aico* (ou *-aeco*). Fóra da Hespanha é rarissimo¹.

¹ Este suffixo não o regista Holder; mas uma das palavras apontadas por Hübner com o suffixo *-aicus* é *Cerenaici*, e Holder considera-a celtica. Quanto ao suffixo *-aigus*, que é identico, Holder cita *Ceccaigus* ou *Ceccaecus*, e pergunta se será vocabulo iberico.

Acrescenta o Sr. A. Coelho que, debaixo do aspecto geographico, é provavel que os nomes em *aico*, de que apresenta uma lista haurida no *Corpus* e nos AA. gregos e latinos, pertençam a uma mesma lingua ou dialectos affins, e mais abaixo que para explicar estas formações em *aico*, será preciso proceder ao estudo dos *themas* de que os nomes respectivos derivam, e dos outros elementos do antigo onomastico. Parte das bases d'estes nomes, entende o illustre professor, pôde provir de linguas diversas d'aquella do suffixo. No nosso caso o *thema* era já conhecido por varias epigraphes gravadas em caracteres ibericos, o que, só por si e quanto á lingua, pouco ou nada diz, porquanto os mesmos caracteres podiam reproduzir uma ou mais linguas, que nos ficam desconhecidas.

Hübner insiste na frequencia de certas formações em determinadas regiões da peninsula, mas para não sair d'esta conclusão: iberico ou celtiberico (*Mon. Ling. Iber.*, p. CIII), acreditando porém que uma só seria a lingua falada na Iberia. (*Ibid.*, § 39).

No que em todo o caso do celtico é conhecido, não se encontra o suffixo *-aico* e para os que, como o signatario d'este estudo, estes assuntos especializados offerecem, por falta de preparação, difficuldades insuperaveis, o meio de o averiguar é a consulta do dictionario celtico de Holder, onde não se encontra o suffixo *-aico*, o que confere com a supradita observação do Sr. A. Coelho de que, fóra de Hespanha, estas formações são «rarissimas» (Cfr. Hübner, *Monumenta Linguae Ibericae*, p. CXII) ¹.

Do que já deixo escrito poderei, com segurança, deduzir que o *Genio*, invocado com fórma adjectival na ara de Estorãos, era a divindade protectora de um oppido, cujo nome, escrito por caracteres ibericos em monumentos lapidares contemporaneos entre si e interpretado pelo idioma latino igualmente em monumento lapidar da epoca romana, correspondia a *Tiaura*... ou *Tiauran*... ou *Tiaurance*...

Se percorrermos nas *Religiões da Lusitania*, II, 324, as divindades dos Grovios e as conjecturas do A. sobre a sua natureza ethnica, veremos que, ou são consideradas celticas (umas segundo o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, outras segundo o Sr. A. Coelho in *Rev. Lusitana*, I, 35) ou duvidosas e obscuras; e se as compararmos com o que acêrca do *Genio* de Estorãos temos estudado, parece que a esta não pôde caber

¹ *Desunt igitur omnino (nomina Gallica deorum), quae in Hispania tam frequentia sunt, in -aicus, -aegus, -icus, formata...* Veja-se tambem *Rev. Lusitana*, I, 278, e *Rev. Archeologica*, III, 5.

a classificação de *celtica*, mas de *iberica*, senão pela formação adjectival, ao menos pelo radical¹.

V

D'aqui se póde, julgo eu, tirar alguma lição para o estudo ethnico d'aquelles antigos habitadores de Alem-Douro, tão suggestivamente lembrados pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcellos no *Arch. Port.*, x, 287.

Esta lição pretendi eu aventurá-la com o confronto das duas cartas abaixo apresentadas. A carta A é decalcada sobre a que illustra o artigo referido. São os logares, onde o onomastico revela ainda hoje revivescencias do ethnico *Grovio*, logares que estão inscritos no perimetro d'aquelles povos, deduzido dos textos. A carta B é estrezida sobre uma parte da que Hübner traçou, localizando a distribuição dos monumentos ibericos na peninsula; essa parte, nitidamente confinada e insulada, abrange a região de *Alem-Douro*, onde se demonstrou o habitaculo dos Grovios. As alludidas epigraphes d'esta região não appareceram gravadas em caracteres ibericos, como as da Lusitania meridional; apesar d'isso, o sabio allemão inseriu-as na sua carta, porque o iberico que ellas contém não deixou de o ser, pelo facto de estar exarado em caracteres latinos. Demonstrada a absoluta identidade da palavra TIAVRANCEAICO ás outras que se lêem nas lapides ibericas do sul da peninsula, julguei-me autorizado a ampliar este mappa de Hübner com a notação do sitio de Estorãos.

E assim vemos que na região dos Grovios, delimitada como está das que a circundam, se accumularam inscripções de lingua iberica, insulando-se da inteira escassez que, nesta especie de monumentos, caracteriza as regiões circumjacentes, como se póde verificar no mappa completo de Hübner (*Mon. Ling. Iber. in fine*).

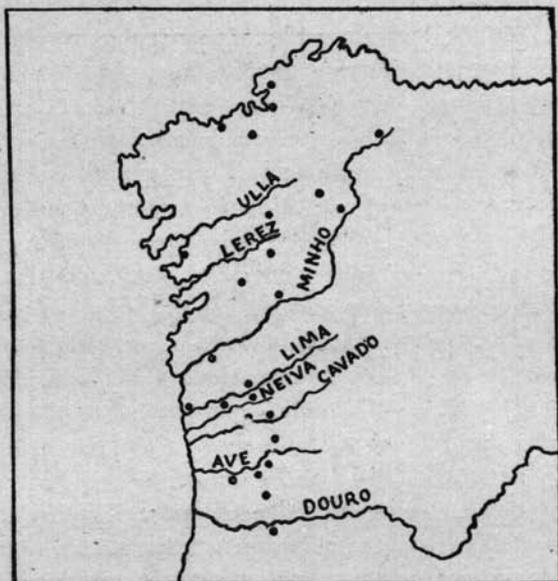
Este confronto faz-me ir mais longe do que fui no meu artigo «Um Grovio autentico» (*Arch. Port.*, xi, 202). Poder-se-ha deduzir da comparação dos dois mappas que as minhas reservas acêrca do celtismo fundamental dos Grovios, esboçadas naquelle meu escrito, tem agora mais um fundamento, que não é facil anniquilar ou esquecer. Vê-se que

¹ Para, a exemplo de Hübner, lhe chamar *celtiberico*, confesso que na palavra em estudo não me dizem os AA. citados nenhum elemento definidamente celtico. Aquelle grande epigraphista escreve porém: «Itaque etiam deorum nomina haec, etiamsi Celtica quaedum insunt — nam suos sibi deos secum tulisse Celtas, cum in paeninsulam immigraverint, atque ibi coluisse non mirabimur — propria tamen eunt Iberorum pleraque vereque dici possunt Celtiberica» (*Mon. Ling. Iber.*, p. cx1). Vid. *Rev. Archeologica*, III, 5.

a lingua iberica tinha grossas raizes em região de Grovios. Mais alem d'isto, é que tambem não irei, por enquanto ¹.

VI

Onde localizar a povoação tutelada por este Genio? É verosimil acreditar que, embora proviesse de região estranha (*Turduli veteres*) a dedicante da ara, o Genio invocado sê-lo-hia do proprio logar em



Carta A — Area geographica das palavras *Grovia*, etc., segundo o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos. (*Arch. Port.*, x, 287).

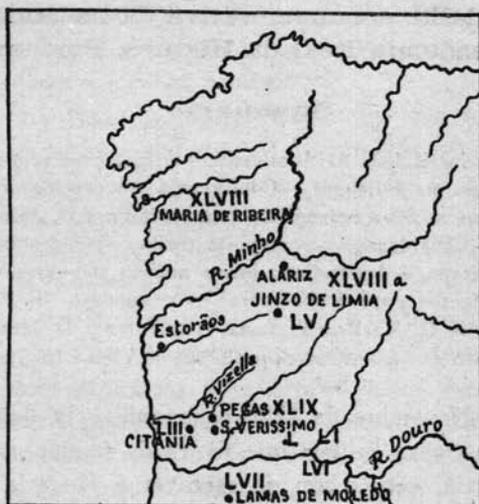
que a Camala habitava; a especial indole d'estas divindades impede-me de julgar importado ² o proprio onomastico d'ella ³.

¹ Tratando da epigrapha XLVIII (*Mon. Ling. Iber.*), Hübner diz que a palavra *Crougintoudadigoe*, nome provavel de divindade, é semelhante ao vocabulo *Grovii*. Assim, este parentesco philologico não parece indifferente ás minhas reservas. Holder, (*ob. cit.*) s. v. *Grovi*, não afirma que seja celtica esta palavra ou relacionavel com o celtico, mas simplesmente lhe junta esta interrogação: *iberisch?*

² O suffico *-aico* em *Castlosaicus* (vid. supra) parece corresponder ao *-ensis* latino (*Castulonensis*). Talvez o *-saicus* tenha sido aqui interpretado por *-cecaico* e então teriamos um ethnico *Tiaurancensis* e um tópicico *Tiauran*. . . Algumas porém das derivações em *-aico* são patronimicas (Vid. A. Coelho, *loco cit.*).

³ Proximo de Estorãos ha um castro; é o castello da Formiga (*Arch. Port.*, iv, 149). Será este o oppido?

Esta nova inscrição votiva veio: a) — comprovar a existencia no norte de Portugal do mesmo elemento iberico do sul¹, particularmente affirmado pelas lapides chamadas tambem turdetanicas; b) — dar-nos pela primeira vez, em monumento lapidar autentico, uma referencia ao oppido preromano *Talabriga*, conhecido pela literatura antiga e pelo *Itinerario*; c) — offerecer-nos mais um *Genio* de nome indigena (Vid. *Rel. da Lus.*, pp. 194 e 312), o que é um phenomeno de romanização cultural; d) — revelar-nos uma palavra inedita de origem autenticamente iberica.



Carta B — Mappa dos Monumenta Linguae Ibericae segundo E. Heber. (Fragmento com as inscrições do noroeste da península ou Alem-Douro)

Na época d'este monumento, a escrita iberica estava já decerto abandonada e substituida pela latina; ainda assim a tenacidade da lingua indigena mantinha-se na interpretação romana.

O facto a que esta ara corresponde é o seguinte:

Uma dona de estirpe celtica, e pessoa de qualidade, pois que, mulher, podia mandar lavrar e erigir a expensas proprias um monumento de grandes dimensões, veio da Lusitania no sec. III ou IV d. C.

¹ A lenda narrada por Estrabão é, como em muitos outros casos, o vestigio de um facto historico, qual, nes'e caso, a immigração de Celtas e Turdulos no noroeste da península. Não está longe de o pensar tambem o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos nas *Religiões da Lusitânia*, II, 65.

habitar na Gallécia um logar a cuja protectora divindade de caracter iberico dedicou um altar, e, por isso que a região estava romanizada, na lingua de Roma foi lavrada a inscripção. É um facto de celtiberismo passado ainda nos ultimos seculos da epoca lusitano-romana. E a razão do titulo d'esta noticia.

Agosto de 1906.

FELIX ALVES PEREIRA.

Medalha commemorativa da instituição da Academia Real da Historia Portuguesa

Summario

Noticia acêrca da instituição da Academia.—Origens, no seio d'ella, do estudo da Medallistica em Portugal.—Conferencia Academica de 22 de Outubro de 1721, em que se fez a entrega de uma medalha a D. João V.—Descrição da medalha.—Considerações a respeito d'ella, e referencias a um projecto de Vieira Lusitano.—Appendice: breve noticia de umas medalhas que a Academia projectou para commemorar os casamentos do Príncipe do Brasil, D. José, com D. Mariana Victoria, e da Infanta D. Maria Barbara com o Príncipe das Asturias.—Outros projectos de Vieira Lusitano.

No dia 4 de Novembro de 1720 communicou D. João V a D. Manoel Caetano de Sousa a ideia que tivera de fundar em Lisboa uma associação literaria, com o fim de escrever a Historia de Portugal. Poucos dias depois o P.^o D. Manoel Caetano de Sousa apresentou ao monarcha o seu parecer, por escrito, no qual desenvolvidamente mostrava a utilidade da ideia, e indicava a fórmula de a pôr em pratica. Em vista d'esse parecer encarregou-o D. João V de proceder aos trabalhos preliminares e de estudar as bases em que deveria assentar a futura Academia.

O incansavel organizador da associação, tratando de dar cumprimento a esta ordem, reuniu, em 19 de Novembro do mesmo anno, no seu proprio quarto, que era na Casa de N.^a Sr.^a da Divina Providencia, alguns personagens illustres: o Marquês de Alegrete, o Conde da Ericeira, Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, e o Conde de Villa Maior. Nesta assembleia preparatoria tomaram-se deliberações importantes, que o monarcha approvou.

Com a mesma actividade com que caminhavam estes trabalhos, procedia-se ao arranjo de uma das salas do antigo Palacio dos Duques de Bragança, pois que era alli que, no dia de N.^a Sr.^a da Conceição, a 8 de Dezembro, se deveria realizar a primeira sessão inaugural.